

NICARÁGUA E GIOCONDA BELLI: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Cecil Jeanine Albert ZINANI³⁰

- **RESUMO:** Este estudo discute a formação da identidade pessoal e de gênero do sujeito representado na obra de Gioconda Belli, *A mulher habitada*, partindo dos pressupostos que orientam a constituição do sujeito feminino, na medida em que este sujeito promove a ruptura com o modelo tradicional e integra os aspectos fundamentais da personalidade. Além disso, são abordados fatos relacionados à história da época da colonização, em que os indígenas foram massacrados pelos conquistadores espanhóis, e da época contemporânea, em que a ditadura de Somoza oprimia o povo nicaragüense. Essa dupla visão, veiculada pela voz de dois narradores, possibilita o delineamento de uma consciência histórica capaz de revisar a realidade latino-americana.
- **PALAVRAS-CHAVE:** gênero; história latino-americana; identidade sujeito feminino.

A segunda metade do século XX foi um período marcado por profundas transformações, em que padrões sociais, econômicos e políticos tiveram seu estatuto questionado, tendo ocorrido rupturas nas modalidades de interação e dominação até então existentes. Se essas modificações sucederam, praticamente, em toda a civilização ocidental, pode-se afirmar que, na América Latina, elas aconteceram de forma mais acentuada, o que, de certa maneira, reflete a pluralidade étnica, cultural, social, econômica e política do labirinto latino-americano, com reflexos significativos na produção literária ocorrida no continente.

Também, apresentam reflexos, na produção literária, os estudos de gênero, cuja origem remonta ao movimento feminista da década de 1960. Esses estudos procuram evidenciar a diferença entre os gêneros e tornar manifesta a subordinação da mulher em muitos setores da sociedade, originando organizações para a discussão dos direitos das mulheres, as quais, também, realimentam, de alguma

³⁰ Departamento de Letras – Universidade Caxias do Sul – UCS –95070-560 – Caxias do Sul – RS. E-mail: cezinani@terra.com.br

maneira, as transformações e facultam a evolução desses conhecimentos, possibilitando que o gênero feminino adquira visibilidade.

A categoria gênero existe dentro de um contexto ideológico, como parte de um processo de construção social e cultural, envolvendo a problemática do poder, o que evidencia assimetria e desigualdade. A análise dessa modalidade de exercício do poder é, particularmente, relevante não só para estudar as relações de dominação da mulher, como, também, para constatar o desafio e a subversão à cultura patriarcal dominante. A literatura tem sido um local privilegiado para discutir essas questões, especialmente, quando estabelece uma relação dialógica com a história, na medida em que o sujeito de enunciação passa a ser um sujeito gendrado, ou seja, não se trata de inserir a mulher na história já escrita, mas de ver a história através do ponto de vista da mulher. Dentro dessa perspectiva, pretendo verificar algumas relações entre gênero e história, mediadas pela obra literária de Gioconda Belli, *A mulher habitada*.

Na introdução à obra *O país sob minha pele*, Gioconda Belli declara textualmente: “Duas coisas que não decidi acabaram decidindo minha vida: o país onde nasci e o sexo com que vim ao mundo” (BELLI, 2002, p. 15). Nascida na Nicarágua, país esfacelado por abalos sísmicos, lutas políticas e problemas sociais; e mulher pertencente a um estrato social superior dentro de uma sociedade patriarcal, Belli consegue subverter ambas as condicionantes e se afirmar como ser humano, patriota e escritora.

Dentro de uma perspectiva mais ampla, gênero e nação constituem as duas coordenadas que orientam a narrativa em *A mulher habitada* (BELLI, 2000), em que ficção e realidade se entrecruzam, na reconstituição da história da Nicarágua, disfarçada com o nome de Fáguas, e na discussão do papel da mulher, tendo, como pretexto narrativo, o romance entre Lavínia e Felipe. Na obra, o elemento mais significativo é o narrador, que se apresenta duplicado, o que origina os dois planos temporais da narrativa, passado e presente. Essa duplicação se comunica, também, a personagens e acontecimentos, além de suceder na própria cidade, que apresenta um aspecto manifesto e outro encoberto. O narrador em terceira pessoa se apropria do presente e narra a história atual, expondo os acontecimentos referentes à ditadura e à opressão; enquanto o narrador em primeira pessoa, Itzá, recupera os acontecimentos do século XVI, período em que ocorreu a conquista

espanhola, estabelecendo, portanto, uma simetria entre passado e presente. Na realidade, são narradas quatro histórias: a história de Itzá e a da colonização espanhola; a história de Lavínia e a da ditadura somozista.

A discussão que perpassa a obra é a formação da identidade pessoal e de gênero, e isso ocorre através da consciência histórica, produto da síntese entre o passado da colonização espanhola e o presente da ditadura somozista. Além disso, as experiências pessoais de Belli – militância na Frente Sandinista de Libertação Nacional, participação em operações de guerrilha, relacionamentos diversificados em diferentes escalões sociais, viabilizados por suas atividades, – tornaram-se matéria-prima para o romance. A presença de Pancho, o avô, sua admiração pelas obras de Júlio Verne e lembranças sobre a colonização, bem como a presença da natureza, configurada pelo trópico indomável, com florestas, lagos e vulcões, são, também, forças poderosas que atuam não só sobre Belli, como, também, sobre a personagem Lavínia, criando condições apropriadas para a descoberta e afirmação da própria identidade, elemento indispensável para a constituição de uma utopia – imagem recorrente tanto em *A mulher habitada* como em *O país sob minha pele* e, principalmente, no romance *Waslala: memorial del futuro*, de 1996.

Segundo depoimento da autora em *O país sob minha pele* (BELLI, 2000, p. 177), uma das obras que mais a impressionaram foi um livro de Jaime Wheelock, que, após exaustiva pesquisa da história da Nicarágua, comprovou que a conquista espanhola não foi tranqüila, muito menos pacífica, como relata a História Oficial; mas enfrentou significativa resistência dos indígenas. Seu avô materno afirmava que os índios nicaragüenses haviam sido guerrilheiros. Contava, emocionado, a história da princesa Xotchilt A Catalt, Flor de Cana. As lembranças do avô, mais as informações de Wheelock, serviram de inspiração a Belli para a composição da personagem Itzá, que constitui, na narrativa, o duplo da personagem Lavínia.

Ressalta-se a importância de proceder à análise da obra *A mulher habitada* sob uma perspectiva crítica feminista devido à atualidade e relevância dessa abordagem teórica nos estudos culturais, considerando que houve sensíveis modificações na situação da mulher que, após muitos séculos de silêncio, conseguiu fazer ouvir sua voz, revelando não, somente, seu mundo interior, mas sua circunstância, o que acarretou uma alteração substancial nas

relações com os pares masculinos e, também, com as componentes do mesmo sexo. Essa transformação de objeto em sujeito, por sua vez, implica a eclosão de uma problemática impensável em séculos anteriores: quem é, efetivamente, esse ser que se debate numa teia formada por um emaranhado de crenças e concepções estabelecidas desde os primórdios da existência humana e em um devir que se está delineando com promessas de liberdade e realização pessoal, uma vez que as obrigações femininas se transformam em opções de cunho individual, o espaço da mulher passa a ser, efetivamente, um espaço privado, próprio, em que, depois da luta pela igualdade, empenha-se para que haja o reconhecimento da diferença, e a história começa a ser reescrita de maneira que ela tenha, efetivamente, seu papel assegurado, não mais como o “outro”, mas como sujeito do processo.

A transformação social, bem como a mudança pessoal referente à situação da mulher, são perpassadas pelo discurso, uma vez que normas e modelos, por meio dos quais se criam as redes de dominação, são estabelecidos na e pela linguagem. Assim, por meio da desconstrução do discurso patriarcal, a voz da figura feminina passa a ser ouvida, possibilitando-lhe revelar a sua experiência e expressar uma nova ordem social e simbólica, cujos parâmetros desvelam o universo da mulher com a intenção de projetar uma estética de caráter feminino que possa se converter em elemento político influente na transformação dos sistemas de poder existentes.

Dentro dessa perspectiva, a obra de Gioconda Belli, *A mulher habitada*, além de abordar o mundo feminino, preocupa-se em estabelecer uma relação com a problemática social. Uma vez que a ação se situa em um pequeno país da América Latina, na década de 70, é possível discutir as relações de dominação exercidas pelo poder patriarcal, que se estendem por todas as camadas sociais, desde a cúpula da ditadura que ocupa o país até os serviços mais humildes. Nesse cenário, emerge a figura da mulher, que tenta superar essa situação, discutindo conflitos pessoais, na medida em que o estabelecimento de papéis sociais mais adequados pode facilitar a organização tanto de uma consciência genérica quanto de uma consciência social mais efetivas.

A obra *A mulher habitada*, de Gioconda Belli, possibilita a discussão, a partir de uma perspectiva crítica feminista, de dois aspectos relevantes; primeiramente, apresenta, por meio das

personagens centrais da trama e da função do narrador, aspectos significativos da emancipação feminina; e, posteriormente, evidencia os traços mais importantes de uma crítica preocupada com a representação das experiências da mulher, por meio da sua própria linguagem, considerando que a crítica feminista procura definir o sujeito mulher, verificar as práticas culturais através das quais esse sujeito se apresenta e é apresentado, bem como reconhecer as marcas de gênero que especificam o modo de ser masculino e feminino, além de sua representação na literatura (QUEIROZ, 1997, p. 112).

Showalter (1994, p. 24), ao traçar um panorama da crítica feminista, afirma que o domínio do território da crítica, por ela denominado “território selvagem”, é, essencialmente, masculino; conseqüentemente, existe uma hermenêutica de cunho masculino que procura responder às questões propostas a partir de uma tradição patriarcal, na qual está inscrito um sujeito androcêntrico, cuja ideologia interdita a aceitação do discurso do outro, nesse caso, do discurso marginalizado da mulher. Uma crítica de feição feminista, refletindo sobre a especificidade do feminino, procura responder a perguntas diferentes suscitadas pelo texto, agora, feitas por mulheres, tanto autoras quanto leitoras. Assim, a possibilidade de concretização do projeto iluminista de emancipação intelectual da mulher passa pela reorientação da história e da interpretação literária, tanto revisando a organização do cânone como verificando as vozes excluídas. Dessa maneira, pode-se afirmar que o enunciador, como elemento portador da ideologia, pode apresentar caráter emancipador ou não, na medida em que demonstra, ou não, uma posição coerente com os postulados feministas.

Segundo o modelo proposto por Showalter, enfatizando o papel do narrador e da caracterização da personagem feminina, constata-se que essas vozes, em *A mulher habitada*, são Lavínia e seu duplo Itzá. Lavínia é uma jovem do século XX que subverte os costumes da classe social a que pertence quando decide morar sozinha, na casa que herdara de sua tia Inês, e trabalhar num escritório como arquiteta. Itzá é uma índia asteca que vive no século XVI, na época da conquista espanhola, quando os invasores, sob o pretexto de civilizar a América, dizimaram as tribos indígenas existentes. Itzá, também, transgride os costumes de sua tribo quando se dispõe a acompanhar o guerreiro Yarince sem as formalidades do casamento, ao se dedicar à arte da guerra e ao

renunciar à maternidade. A narrativa apresenta mulheres fortes, capazes de lutar pelos princípios em que acreditam, não se submetendo a imposições de ordem social, econômica ou cultural; isso, sem perder as características da feminilidade. Itzá ressurge, quatro séculos depois, numa velha laranjeira, no jardim da casa de Lavínia. A simbiose entre as duas mulheres ocorre por meio de um simples suco de laranjas, feito com as frutas produzidas pela velha laranjeira e ingerido pela jovem num café da manhã. A partir de então, a presença de Itzá no interior da arquiteta passa a exercer uma influência tão poderosa que possibilita, a Lavínia, transcender, continuamente, seus limites, quer demonstrando conhecimentos que não detém ou, mesmo, realizando ações muito superiores às suas condições.

O narrador ocupa um lugar privilegiado dentro da narração, pois é a sua voz que posiciona os demais elementos da narrativa; além disso, como instância enunciativa, por meio de comentários e digressões, veicula a ideologia que perpassa o texto. A duplicidade da enunciação desconstrói a unidade do narrador, estabelecendo uma perspectiva dialética, em que se contrapõem duas visões de mundo distintas de mulheres que habitaram os séculos XVI e XX, respectivamente, mas que se assemelham devido a circunstâncias históricas e sociais. Na época de Itzá, a América Central estava sendo dominada pelos espanhóis; na década de 70, regimes ditatoriais estavam instalados na maioria dos países da América Latina. Ambas as épocas apresentam uma situação em comum: caracterizam um período de dominação e autoritarismo.

Dominação e autoritarismo são elementos que envolvem as relações que permeiam a situação da mulher na sociedade e que são questionadas em obras que procuram verificar como ocorre a representação feminina e que são analisadas a partir de posicionamentos teóricos nem sempre convergentes, mas que apresentam como elemento comum à questão da diferença.

A análise da situação cultural da mulher é relevante no sentido de verificar como ela vê o outro, como é vista pelo grupo dominante e, conseqüentemente, por si mesma. Lavínia estudou arquitetura na Itália, e, ao ingressar na empresa de Julián Solera, “era a única mulher com cargo importante; todas as outras eram secretárias, assistentes, faxineiras” (BELLI, 2000, p. 35). Embora tenha sido difícil vencer a resistência, já que utilizara as antigas estratégias de sedução e feminilidade para obter o emprego, não se

deixa intimidar. Através de uma atuação séria e competente, subverte a imagem de objeto de decoração que, inicialmente, deixara transparecer e conquista o respeito dos colegas homens. Isso acontece devido à sua personalidade, à educação recebida, e, também, ao fato de haver nascido num estrato privilegiado da sociedade. O sucesso no emprego consolida, de certa maneira, a situação de Lavínia e, por extensão, da mulher ativa e competente.

Itzá, por outro lado, aprende a manejar o arco e a flecha, embora o seu território seja o doméstico,³¹ já que seu umbigo, segundo o costume asteca, está enterrado sob as cinzas do fogão. Domina as amplidões dos campos, e acaba tornando-se uma guerreira na luta contra os espanhóis. Sua atuação não é bem vista nem pelos guerreiros, tampouco pelas mulheres das outras tribos. Mas, nem por isso, recua em seus desígnios, acompanhando Yarince até a morte. Dessa maneira, a indígena propõe um modelo de mulher consciente dos problemas de seu país, portanto, engajada no processo de construção de uma nação em que as pessoas possam viver livres da escravidão e com dignidade. Além disso, apresenta forte componente emancipatório, pois realiza o que considera adequado, sem levar em consideração as convenções sociais e culturais de sua época.

Como ocorre com as minorias, a voz da mulher, sempre, foi silenciada, o que a impediu de desenvolver uma linguagem própria. Desse modo, para poder se expressar, precisa utilizar a linguagem do gênero dominante, por meio do desenvolvimento de uma modalidade de articulação de sua consciência por meio de ritos e símbolos que se configuram num espaço próprio. Dessa maneira, o espaço feminino deve ser, segundo Showalter,

o lugar de uma crítica, uma teoria e uma arte genuinamente centradas na mulher, cujo projeto comum seja trazer o peso simbólico da consciência feminina para o ser, tornar visível o invisível, fazer o silêncio falar (...). A escritora/heroína, freqüentemente guiada por outra mulher, viaja para 'o país natal' do

³¹ As diferenças de gênero eram bem tipificadas na sociedade asteca. Após o batismo, realizado pela parteira, preparavam-se, para o menino, um escudo, um arco e quatro flechas, que eram oferecidos aos deuses para invocar a proteção divina. Para as meninas, preparavam-se fusos, uma lançadeira e um cofre, com a mesma finalidade (SOUSTELLE, 1987, p. 61). O costume de enterrar o umbigo da menina na cinza do fogão e o do menino nos campos é referido por Navarro (1995, p. 44, nota 34).

desejo liberado e da autenticidade feminina; cruzar para o outro lado do espelho, como *Alice no país das maravilhas* (!), é geralmente um símbolo da passagem (SHOWALTER, 1994, p. 48-49).

Essa percepção transforma a casa em espaço mítico, a árvore se torna o símbolo do eterno retorno, e o duplo passa a organizar e dar sentido à existência. Lavínia, conduzida na dimensão interior por Itzá e, na exterior, por Flor, uma grande amiga, atravessa o espelho, estrutura a sua identidade e se dedica à construção da tão almejada utopia.

Outro aspecto relevante, apontado por Showalter, é que a ficção escrita por mulheres constitui um modelo polifônico “contendo uma estória ‘dominante’ e uma ‘silenciada’, o que Gilbert e Gubar chamam de ‘palimpsesto’” (SHOWALTER, 1994, p. 53). Por ser palimpséstica, a escrita feminina impõe um duplo esforço de decodificação, uma vez que remete para a necessidade da leitura das entrelinhas e da interpretação do não-dito, o que viabiliza o entendimento do sentido latente do texto – a história silenciada. Na obra em estudo, a história silenciada aponta para a possibilidade de libertação não só da mulher, mas, também, do homem e da nação,³² e é indiciada por duas possibilidades de leitura. Primeiramente, pela leitura oblíqua, realizada de uma posição marginalizada, que consiste na apresentação da história da colonização da América Central a partir da perspectiva do vencido. O enunciador dessa história é uma indígena que presencia as investidas dos espanhóis na conquista da nova terra, constituindo-se em valiosa testemunha dos fatos históricos. Itzá está envolvida tão intimamente no processo que as contingências da guerra a impedem de ter uma vida de acordo com os costumes e as tradições de seu povo. Posteriormente, impõe-se o confronto dos planos narrativos, na medida em que se estabelece uma relação dialética entre passado e presente, em que o passado dialoga, complementa e explicita o presente, orientando e organizando a estruturação de uma nova realidade, em que os papéis de mulheres e de homens são redefinidos, e o conceito de nação é redimensionado.

³² Essa questão remete aos conceitos de Foucault (2000), que apresenta o poder como uma modalidade de controle disseminado pela estrutura social, a que todos estão submetidos. Assim, pode-se inferir que, na medida em que a mulher é oprimida por um sistema patriarcal, o opressor, também, está sujeito às normas e aos princípios do mesmo sistema.

Em *A mulher habitada*, a história silenciada se revela por meio das pistas oferecidas por um vocabulário enriquecido com expressões indígenas, o que, juntamente com a modalidade escolhida de referência ao mundo asteca, particulariza a narrativa. A centragem na personagem feminina conduz à inferência de uma visão de mundo feminina, já que focaliza, na instância da dupla narrativa e na configuração das demais personagens, o mundo particular das mulheres:

Ninguém sofreu este nascimento, como aconteceu quando despentei a cabeça entre as pernas de minha mãe. (...) A parteira não enterrou meu xicmetayotl, meu umbigo, no canto escuro da casa (...). Ninguém chorou ao me pôr nome, como teve de fazer minha mãe, porque desde o surgimento longínquo dos loiros, dos homens com pêlos no rosto, todos os augúrios eram tristes e até temiam chamar o adivinho para que me desse nome, me desse meu tonalli (BELLI, 2000, p. 08).

Os deuses e deusas astecas, a cultura e os costumes tribais invocados, também, estabelecem um contraponto com a civilização contemporânea. Os vários sinais, que indiciam os mais diversos prognósticos, remetem para um universo mágico, reduto, desde tempos imemoriais, das mulheres, sacerdotisas que guardavam os objetos e as poções ritualísticas. Essa imersão no mundo mágico está presente na fala de Itzá “(...) todos os augúrios eram tristes...”, (BELLI, 2000, p. 08) e, também, no pensamento de Lavínia: “Devem ser as chuvas tardias de dezembro, pensou Lavínia. ‘Chuvas fora de estação, sinais de prodígio’, costumava dizer seu avô” (BELLI, 2000, p. 09). “Era bom presságio que a árvore tivesse florido justamente nesse dia” (BELLI, 2000, p. 10).

Para que a mulher se constitua em sujeito da história, torna-se relevante a preocupação com a linguagem em relação à crítica feminista, pois a mulher, como leitora, precisa ter acesso a essa modalidade de expressão para que possa identificar as operações retóricas transmissoras da ideologia do texto, criando possibilidades para desconstruir o discurso falocêntrico. Em relação à escrita feminina, é imprescindível o domínio da linguagem para que, por meio do deslocamento das categorias estabelecidas pela estrutura dominante, seja valorizada a experiência feminina e proposta uma leitura que leve ao questionamento dos pressupostos genéricos e

literários já estabelecidos, subvertendo os conceitos tradicionais e possibilitando a criação de uma identidade de gênero que integre o sujeito e o duplo, representado pelo outro eu, dentro dos pressupostos de gênero.

O outro eu, embora a jovem não esteja percebendo, não é, apenas, o resultado de uma infância repleta de histórias de aventuras, veiculadas por seus livros favoritos, nem pelo excesso de imaginação do avô, que povoara sua vida de sonhos, é influência de Itzá, que está sinalizando o caminho, orientando suas reações, a fim de conduzi-la para o engajamento na esperança da utopia antevista na época do descobrimento e cuja realização não foi possível no século XVI, devido à maneira como foi materializada a conquista espanhola na América. Essa sinalização vem de imagens confusas que pertencem a um passado remoto, ao qual Lavínia não tem acesso, representando uma alegoria da colonização:

Lavínia inclinou-se sobre a mesa, pôs a cabeça sobre os braços e fechou os olhos. Sentia-se cansada, exausta; uma culpa vinda de resquícios escuros a invadia. Imagens estranhas de povoados em chamas, homens morenos lutando contra cachorros selvagens. Fantasmas de pesadelos diurnos clamavam em sua mente (BELLI, 2000, p. 71).

De forma, ainda, não consciente, Lavínia se sente culpada por pertencer a uma classe social privilegiada e a uma raça que se outorgou prerrogativas de superioridade. Começa a prestar atenção às questões sociais ao examinar o terreno onde deve ser erguido o centro comercial e perceber que milhares de pessoas perderão seu lar e ficarão ao desamparo. Em seguida, membros do Movimento de Libertação Nacional invadem a sua privacidade, e ela precisa encarar a realidade subterrânea da qual tentara se evadir, ignorando o depoimento do médico militar que denunciava as atrocidades que o regime do Grão-general estava impondo ao país, atualizando, de maneira mais sofisticada e cruel, os problemas da conquista espanhola. Percebe-se, assim, que passado e presente são forças históricas imbricadas, cuja síntese contém os elementos fundamentais para a estruturação da identidade da jovem.

A carga histórica que permeia a narrativa procura resgatar aspectos significativos da civilização asteca e de sua destruição. No século XVI, estavam os *náhuatl*s no Quinto Sol, que ocorre depois

de outros quatro – Sol de Tigre, de Vento, de Fogo e de Água –, os quais terminaram em tragédias (FERREIRA, 1995). A representação do tempo, para essa cultura, não é linear, mas cíclica; assim, cada Sol representa um ciclo, cujo fim simboliza o final dos tempos. Na realidade, o Quinto Sol era a Idade dos Astecas na época do descobrimento da América.

A mitologia asteca, que perpassa o imaginário dos indígenas, orienta os padrões de conduta, na medida em que é vivida ritualmente. O mito de fundação está ligado às divindades Uitzilopochtli e Quetzalcóatl. Uitzilopochtli é o deus da guerra e é representado pela figura do sol. Segundo o mito, no período de gestação ainda, sua mãe foi ameaçada de morte pelos outros filhos. Ela decide, então, antecipar seu nascimento para que Uitzilopochtli possa matar seus irmãos. A simbologia desse mito remete às dificuldades da luta pela vida, ao temperamento guerreiro e à “necessidade do poder de decisão numa sociedade expansionista e guerreira” (FERREIRA, 1995, p. 28). Essa divindade se identifica à Quinta Idade, à Idade do Sol, ou, ainda, à Idade dos Astecas.

A outra divindade, Quetzalcóatl, cuja tradução é serpente emplumada, significa a união entre a matéria e o espírito. A serpente rasteja na terra, que simboliza o mundo material, e tenta atingir o céu, enquanto o pássaro voa no céu, que representa as aspirações sobrenaturais, e se esforça para atingir a terra. Para solucionar a fugacidade da vida, representada pela instabilidade do mundo material, o ser humano precisa liberar suas faculdades criadoras, o que é sintetizado pela serpente que voa.

O conteúdo fatalista das religiões indígenas, que exigiam sacrifícios sangrentos para manter o equilíbrio do cosmo, bem como as premonições da vinda de invasores pelo mar, neutralizaram a reação do povo, facilitando a dominação estrangeira (LOPES, 1998). A partir da visão de Itzá, é enfatizada a brutalidade protagonizada pelos espanhóis na destruição da civilização e da cultura asteca.

Tentando se adaptar aos novos tempos e conhecer Lavínia, Itzá observa:

Neste tempo parece não existir nenhum culto para os deuses. Ela nunca acende galhos de ocote, nem se inclina para as cerimônias. Não aparenta ter nunca dúvidas de que Tonatiú trará a luz para suas manhãs. Nós sempre vivíamos com o temor de que o sol se pusesse para sempre, pois quais garantias temos de que voltará amanhã?

Talvez os espanhóis tenham encontrado alguma maneira de garanti-lo. Eles diziam vir de terras onde o sol nunca se punha. Mas nada era verdade, naquele tempo, e sua língua pastosa e estranha dizia mentiras. Levamos pouco tempo para conhecer suas raras obsessões. Eram capazes de matar por pedras e pelo ouro de nossos altares e vestes. Não obstante, pensavam que nós éramos ímpios porque sacrificávamos guerreiros aos deuses (BELLI, 2000, p. 31).

Eventos históricos importantes pertencem à memória de Itzá e são recuperados, na medida em que a índia procura entender os tempos modernos e atuar sobre a imaginação de Lavínia, pois intui a relevância do momento que estão vivendo. Entretanto, a percepção histórica de Itzá já se produz em relação ao tempo presente, uma vez que faz parte da natureza de Lavínia; logo, está contaminada pela visão de mundo da época atual. Lembra-se do sofrimento que envolveu a batalha dos Escalpelados, as sucessivas derrotas infligidas pelos espanhóis, até a sua morte, nas águas. A transferência da memória da índia para Lavínia se evidencia quando a arquiteta compara Felipe a Yarince, sem nunca ter ouvido falar de tal personagem. Diante da surpresa de Flor, Lavínia afirma:

Você não sabe as coisas estranhas que me acontecem; as coisas que penso... Não lhes dou importância, mas agora que você diz, sempre têm relação com os índios (...), com arcos e flechas, coisas assim... É esquisito, não é? (BELLI, 2000, p. 243).

Flor explica os devaneios de Lavínia, os arcos, as flechas, os arcabuzes que desenha, o gosto por decoração folclórica, a visão de batalhas sangrentas, ao afirmar a presença indígena no próprio sangue, ou seja, remete para a carga histórica que perpassa a consciência da jovem que, juntamente com os aspectos físicos – vulcões, lagos, vegetação tropical –, estão delineando os contornos de uma identidade que vai encontrar, na própria terra e na história de seu povo, o modo de ser e a justificativa.

Na memória de Itzá, os invasores espanhóis são os inimigos que precisam ser combatidos. No entanto, os tempos mudaram, pois, após as lutas pela conquista da terra, mesclaram-se invasores e nativos. Representante destes novos tempos é Lavínia que, segundo Itzá, “Tem traços parecidos aos das mulheres dos invasores, mas também o andar das mulheres da tribo, um mexer-se com determinação, como nos mexíamos e andávamos antes dos maus

tempos” (BELLI, 2000, p. 08-09). Não há mais vencedores nem vencidos. Assim, a confluência das duas raças criou um novo povo que incorporou os traços físicos além de agregar a cultura, a disposição para a luta e a intrepidez.

A questão histórica não se limita à conquista espanhola ocorrida no século XVI e vivenciada por Itzá. O século XX, também, está presente no relato da ditadura vivida, ficcionalmente, em Fúguas, cenário de Lavínia, mas que ocorreu, efetivamente, na Nicarágua. A reflexão histórica é marcada genericamente, uma vez que o ponto de vista focalizado reproduz a perspectiva de Lavínia.

Sader (1992), analisando a situação da Nicarágua, afirma que ela se tornou objeto de cobiça, primeiramente, dos europeus e, depois, dos norte-americanos, devido à situação privilegiada que possibilitava a construção de um canal ligando os oceanos Atlântico e Pacífico, obra de representativa importância econômica, que, posteriormente, foi construído no Panamá. Com um governo títere, cujas ações eram mediadas pelos Estados Unidos, começou a se formar um sentimento popular de nacionalismo, pela defesa da soberania e da constituição da Nicarágua. Nessa época, meados da década de vinte, surgiu Sandino, líder de um movimento revolucionário que visava a libertar o país do jugo norte-americano e resolver os problemas sociais por meio da organização de grandes cooperativas que reunissem operários e camponeses, de modo que pudessem explorar as riquezas naturais em benefício dos nicaraguenses.

A época focalizada, década de setenta, foi o período da ditadura de Anastácio Somoza. Foi um tempo em que, de acordo com Sader, “se deu uma pauperização ainda maior dos trabalhadores nicaraguenses” (1992, p. 66). Nessa fase, os grupos de oposição, que pertenciam à elite, faziam acordos com o governo, o que os descaracterizava como oposição. A Guarda Nacional, exército de confiança dos EUA, criado anos antes e comandado por um dos elementos do clã Somoza, foi o início do que seria a ditadura somozista.

A Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), fundada na década de sessenta, passou a organizar ações armadas contra a ditadura, obtendo certo apoio popular. A operação Eureka, recriada, ficcionalmente, na obra *A mulher habitada*, tem o seu correspondente histórico, que é, assim, referido por Sader (1992, p. 66):

Em dezembro de 1974, a FSLN realizou sua primeira ação de grande repercussão, quando um comando atacou a casa de um membro graduado do regime, ligado diretamente a Somoza, no momento em que se realizava uma festa de homenagem ao embaixador dos EUA, com a presença de vários embaixadores estrangeiros, que ficaram como reféns. Com essa ação, a FSLN conseguiu libertar vários de seus dirigentes presos, obrigando o governo a negociar com os guerrilheiros. O comando obteve ainda um milhão de dólares do governo e a publicação, em todos os órgãos da imprensa, de um comunicado da FSLN.

Belli refere o mesmo fato na obra *O país sob minha pele* (2002, p 135), acrescentando outros detalhes. Segundo a autora, a 27 de dezembro de 1974, um comando, formado por cinco mulheres e oito homens, ingressou na casa do presidente do Banco Central da Nicarágua, que estava dando uma festa, fazendo, como reféns, o cunhado do presidente Somoza, seu primo, o gerente da Esso e vários embaixadores, além de chefes políticos. O mediador foi o arcebispo de Manágua, que estabeleceu as negociações entre o Comandante Zero e o presidente Somoza. Um dos grandes problemas da operação foi conseguir os táxis que transportariam os guerrilheiros para o cenário da ação. Na recriação ficcional, a morte de Felipe ocorre quando ele tenta se apropriar de um táxi.

Esse episódio, em sua versão ficcional, constitui o clímax da narrativa, pois representa, concretamente, uma fase muito significativa na construção da utopia pregada pelo movimento guerrilheiro.

A mulher habitada utiliza o romance de Lavínia e Felipe para contar a história da Nicarágua, por meio de uma perspectiva feminina. É Itzá quem conta a história do passado, que envolve a conquista espanhola, enquanto a história do presente é relatada pelo narrador, através da perspectiva de Lavínia.

Esse jogo dialético entre passado e presente, além de relativizar os registros da história oficial, também, promove o questionamento da identidade pessoal e nacional, o que, sem dúvida, remete para a discussão da realização da utopia, preconizada pelo Movimento de Libertação Nacional.

Utopia designa uma dimensão do espírito humano que procura demonstrar não aquilo que existe, mas aquilo que se desejaria que existisse (MORE, 1999). Daí, sua relação com o mito, na medida em que projeta um estado idealizado da humanidade. A *Utopia*, de More,

apresenta a cidade perfeita, nitidamente, inspirada na descrição realizada por Platão em *A República*. O termo utopia significa o lugar que não existe. Na narrativa de More, Rafael Itlodeu, companheiro de Américo Vespúcio, em uma de suas viagens, encontra a ilha de Utopia, onde não há propriedade privada, nem diferença de renda, desaparecendo, conseqüentemente, as divisões sociais e os problemas delas decorrentes, que afligem a humanidade; assim, a comunhão dos bens promove a unidade dos seres humanos, estabelecendo o equilíbrio e a igualdade.

A idéia da construção de uma utopia, o lugar ideal, onde impere a justiça, no qual as oportunidades sejam acessíveis de acordo com o princípio da equidade, perpassa não, somente, *A mulher habitada*, mas, também, *Waslala: memorial del futuro*, obra publicada por Belli, na Argentina, em 1997.

Tanto em *Waslala: memorial del futuro* como em *A mulher habitada*, a ação transcorre em Fáguas, um pequeno país tropical, cuja natureza exuberante apresenta uma beleza ímpar. Em *A mulher habitada*, Fáguas aparece como um lugar de contradições em que os opostos se cruzam, pois a miséria em que o povo vive nesse lugar pobre, empoeirado e quente convive com as mansões e o luxo dos táxis Mercedes-Benz, novíssimos. A paisagem é privilegiada com uma floresta luxuriante, um vulcão em atividade e um lago magnífico; no entanto, o lago funciona como esgoto para a cidade, e o vulcão serve de tumba para aqueles que não compactuam com o contexto sociopolítico do país. A cidade é um gigantesco paradoxo. Quando aflora esse lado obscuro de seu país, Lavínia imagina que deveria ter ficado na Itália, no entanto, em Fáguas, ela tem uma missão a cumprir, já que, ali, tudo está por fazer, e os desafios são imensos, uma vez que há uma natureza forte e violenta para submeter à ação do ser humano, para criar uma nova realidade, o que constitui um grande desafio.

Imaginou-se como seria esta manhã se a cidade não desse as costas para a paisagem lacustre, se existisse um calçadão às margens do lago, onde pelas tardes passeariam os apaixonados e a babá com carrinhos de bebê azuis. Mas os grandes generais nunca estiveram interessados na estética. A cidade era uma série de contrastes: mansões amuralhadas e casas caindo aos pedaços (BELLI, 2000, p. 13).

Os contrastes envolvem, também, os artifícios para atingir a modernidade: prédios imitando construções de Nova Iorque, escada rolante em loja sofisticada, elevadores em prédios com poucos andares, e mulheres que “apaixonavam-se por um refúgio de montanha nos Alpes e decidiam aplicá-lo em uma casa de veraneio na praia” (BELLI, 2000, p. 15).

A construção de uma nação mais justa, com oportunidades para todos, é o objetivo do Movimento de Libertação Nacional, e passa a ser, também, o de Lavínia, quando ela concretiza a sua adesão a essa causa. No entanto, para poder assumir a luta, no sentido de realizar “a utopia de um mundo melhor” (BELLI, 2000, p. 122), a jovem precisa percorrer um longo caminho, que implica o desenvolvimento de um processo de interiorização a fim de aprender sobre si mesma para poder elaborar os conflitos, criando, assim, as condições necessárias para a integração de sua personalidade. Com o desenvolvimento desse processo somente, ela poderá tornar-se um membro efetivamente valioso para o Movimento e para a materialização de seus ideais. O percurso de Lavínia pode ser verificado neste fragmento:

E até quando deliberaria consigo mesma? perguntou-se Lavínia. Seria melhor aceitar de uma vez que não podia deixar que o romantismo a envolvesse. É verdade que ela também gostava de sonhar (...). Quem não sonhava com um mundo melhor? Era lógico que a idéia de se imaginar ‘companheira’ a atraísse, ver-se envolvida em conspirações (...). Devia romper este interrogatório constante, disse para si, este ir e vir de seu eu racional para o seu outro eu, inflamado de ardores justiceiros, ressaibo de uma infância repleta de leituras heróicas demais, sonhos impossíveis e avós que a convidavam a voar (BELLI, 2000, p. 123).

Lavínia tem consciência da precariedade de sua identidade, ao mesmo, tempo reconhece o espírito romanescos que a domina, produto de uma educação voltada para a fantasia, sem preocupações com o estabelecimento de elos entre sonho e realidade.

Desde o início da narrativa, Lavínia está envolvida em dúvidas, questionando a praticidade das ações dos guerrilheiros, comparando-as com sua própria tentativa de emancipação:

Uma coisa era sua rebelião pessoal contra o *status quo*, tornar-se independente, ir embora de sua casa, seguir uma profissão, e outra

se expor a esta louca aventura, este suicídio coletivo, este idealismo até as últimas conseqüências. Não podia deixar de reconhecer que eram valentes, espécies de quixotes tropicais, mas não eram racionais, iam continuar matando-os, e ela não queria morrer. Mas não podia deixar Felipe sozinho, pensou, nem seu amigo (BELLI, 2000, p. 70).

A associação dos guerrilheiros com quixotes envolve a guerrilha com uma aura de sonho, de irrealidade, retirando a ação guerrilheira do mundo concreto para remetê-la para o plano da fantasia. No entanto, as grandes invenções, os fatos mais importantes da humanidade, são precedidos pelos sonhos daqueles visionários que, não aceitando o *status quo*, idealizam um mundo diferente, para o qual contribuem com sua visão prospectiva.

As incertezas não impedem que Lavínia leia o manifesto do Movimento que propõe alfabetização, saúde, moradia, fim da corrupção, emancipação da mulher. “Diziam isso: ‘o fim da escuridão; sair da longa noite da ditadura’. Acender as luzes e não só isso, mas também os rios de leite e mel – gostou de linguagem bíblica –, a utopia de um mundo melhor” (BELLI, 2000, p. 122). A linguagem bíblica apresenta um caráter messiânico, pois o Verbo traz, em si, a promessa de um novo reino com paz e justiça. Na verdade, essa linguagem evoca imagens que pertencem ao imaginário e, como toda a linguagem, é demiúrgica, assinalando o início de uma nova realidade.

Adrián, amigo de Lavínia e marido de Sara, na época em que freqüentava a universidade, também, tinha sido colaborador do Movimento, como todos seus colegas.

Naquela época todos colaborávamos, imprimindo panfletos clandestinos, repartindo... Depois, a gente saía da universidade e tinha que começar a pensar no estômago (...), ganhar dinheiro, se estabelecer bem, casar... Os sonhos são deixados para trás. Você se torna mais realista (BELLI, 2000, p. 307).

A posição de Adrián marca a dicotomia entre o desejo idealizado de mudança, representado pelos sonhos, e a necessidade efetiva de segurança, na situação presente ainda mais, quando a esposa está grávida, a polícia política amplia suas atividades e o perigo ronda constantemente.

Para Lucrécia, a doméstica, que entende a vida como um “vale de lágrimas”, a solução é ser pobre, “mas honrado”, pois, assim, “sabe que quando morrer tem muito mais possibilidades de ir para o céu” (BELLI, 2000, p. 196). Ela aponta, como alternativas de melhoria, o estudo e o trabalho, pois imagina qualquer outra forma de reação como uma possibilidade concreta de morte. Autêntica representante das classes populares, Lucrécia acredita no esforço pessoal para melhorar de vida, no entanto, não tem consciência da necessidade desse mesmo empenho individual para que haja mudanças sociais. A ditadura se apóia, em grande parte, na resignação do povo mais humilde, que não vê quaisquer perspectivas para modificar a sua situação. Também, as pessoas que serão despejadas de suas casas para a construção do centro comercial não esboçam qualquer reação, assemelhando-se à classe servil do período medieval, que não tinha condições de conquistar melhoria alguma em sua situação social. Dona Nico, serviçal do escritório em que trabalha Lavínia, também, prefere não comentar os acontecimentos que testemunhara. Dessa maneira, o medo da morte, gerador de passividade geral e alienação, torna-se um poderoso aliado para a manutenção do *status quo*, auxiliando a tirania e impedindo que mudanças significativas, que poderiam melhorar a vida do povo, possam ocorrer.

A construção do tão almejado mundo melhor está na dependência de pessoas como Lavínia, Felipe, Sebastián, Flor, que possuem, além do discernimento suficiente para perceberem a diferença entre o mundo real, degradado, em que vivem, e o mundo ideal, com que sonham, a disposição para a luta, não hesitando em arriscar a própria vida para a concretização de seu objetivo: a utopia de um mundo melhor.

Mas é em *Waslala: memorial del futuro* (BELLI, 1997), que a autora, de certa maneira, representa a possibilidade de concretização da utopia sinalizada em *A mulher habitada*. A obra tem, como cenário, a mesma Fátuas, projetada em um tempo futuro. A ação acontece em meados do século XXI, e a situação do país apresenta uma considerável deterioração. O mundo está dividido em dois grandes blocos, os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos. Os países subdesenvolvidos, como Fátuas, têm, como função precípua, fornecer oxigênio para os países desenvolvidos – o que, em tese, demandaria um cuidado especial na preservação do meio ambiente – e receber o lixo produzido por esses mesmos países – o que implica

deterioração do meio ambiente. Essa ambivalência evidencia o caráter paradoxal do ser humano, que promove a destruição do elemento fundamental de que necessita para viver, o que, de certa maneira justifica a necessidade da crença na utopia.

Em Fáguas, a guerra é endêmica, e as pessoas nem sabem mais por que lutam. Nesse cenário, proliferam contrabandistas, traficantes de armas tornadas obsoletas no primeiro mundo, que estimulam as disputas entre facções rivais com a finalidade de ampliar o mercado consumidor de sua mercadoria, traficantes de drogas, já que, no país, há grandes plantações de “filina”, produto híbrido de marijuana e cocaína, propriedade dos irmãos Espada, tiranos locais.

As fronteiras do país se desvaneceram; como nação, Fáguas não existe mais. Só as populações ribeirinhas conseguem sobreviver em relativa paz, pois o rio foi declarado zona neutra. Essas populações vivem da sucata e do lixo que vêm em grandes barcaças: restos de aparelhos eletro-eletrônicos, de aviões, de carros, de computadores, enfim, de toda a infinidade de objetos que compõe o cotidiano das pessoas dos países desenvolvidos. O maior problema em relação ao lixo consiste nos resíduos tóxicos que estão misturados aos objetos reaproveitados pela população, causando-lhe profundos danos e, mesmo, a morte.

Tendo-se tornado uma lixeira para o primeiro mundo, é natural que a idéia de utopia prospere como um mecanismo de defesa. Surge, então, Waslala, a última utopia, não, apenas, sonho de cada habitante de Fáguas, mas uma obsessão coletiva, embora pouquíssimas pessoas tivessem tido o privilégio de lá estar por algum tempo e atestar a sua existência efetiva. Isso significa que o mito de Waslala adquire dimensões tanto particulares quanto universais, o que o torna um arquétipo utópico.

É dom José, avô de Melisandra, heroína do relato, e um dos fundadores de Waslala, que, diante da insistência da neta em partir, a fim de encontrar seus pais, revela, a ela e a Rafael, o mistério desse local.

(...) uni-me a um grupo de poetas que, a partir de um método diferente, recorrendo às possibilidades da imaginação, da mitologia acumulada, da experiência coletiva encontrada na literatura humanista e na poesia de todos os tempos, propunha-se a criar um

modelo totalmente novo e revolucionario de sociedade, baseado em uma ética que repudiava o poder e a dominação, dando a cada indivíduo a responsabilidade pela comunidade (BELLI, 1997, p. 59)³³

Há semelhanças entre essa sociedade, descrita por dom José, e a *Utopia*, de Thomas More, no repúdio à dominação e no privilégio do princípio da igualdade, propondo uma sociedade sem classes e sem propriedades. Inclusive, a personagem masculina, Rafael, possui o mesmo nome do herói de More, fato que é ressaltado por dom José. Também, o ancião se refere a Waslala como “el lugar que no es” (BELLI, 1997, p. 41), utilizando a definição de utopia.

Dentro da perspectiva de um mundo pós-moderno, não há mais lugar para a poesia, por isso, Waslala foi fundada por um grupo de poetas, pessoas que valorizavam a leitura, a utilização artística da palavra, tornando-se a linguagem, novamente, instrumento de libertação. Domínguez afirma: “Don José es también el vínculo entre la realidad y la utopía, cuyo puente es la literatura” (2001, p. 04).

A valorização da leitura é tema desenvolvido por dom José, que não entende a dificuldade de as pessoas se adaptarem ao ócio, devido ao desenvolvimento tecnológico. Observa ele:

— Não posso entender que haja quem não aprecie o tempo livre – assombrou-se Don José – Há tanto para se ler... Nunca foi um de meus problemas. Mas que interessante, não? Só se pode explicar se se compreende a mudança que significou a passagem da leitura ao vídeo. A imaginação ativa *versus* a passividade de receber tudo já imaginado por outro. A perda da imaginação é uma tragédia. Talvez, uma das mayores tragedias que veremos neste século (BELLI, 1997, p. 32)³⁴

³³ No original: (...) *me uni a un grupo de poetas que, a partir de un método distinto, recurriendo a las posibilidades de la imaginación, de la mitología acumulada, de la experiencia colectiva encontrada en la literatura humanista y en la poesía de todos los tiempos, se proponían crear un modelo de sociedad totalmente nuevo y revolucionario, basado en una ética que repudiaba el poder, la dominación y concedía a cada individuo la responsabilidad de la comunidad* (BELLI, 1997, p. 59).

³⁴ No original: — *No puedo entender que haya quienes no aprecien el tiempo libre – se asombró don José –. Hay tanto que leer... Nunca ha sido uno de mis problemas. Pero qué interesante, no? Sólo se puede explicar si se comprende el cambio que significó el paso de la lectura al vídeo. La imaginación activa versus*

Essa incapacidade de administrar o tempo livre é um dos indicadores de que as pessoas não construirão jamais a utopia tão desejada, porque é no aperfeiçoamento interior que são criadas as condições e elaborados os conteúdos que possibilitam a conquista da liberdade. Outro aspecto importante se refere à perda da faculdade imaginativa e da capacidade de sonhar os próprios sonhos, pois Waslala existe na imaginação. Assim, a dificuldade de transpor a atividade cotidiana para o plano ideal inviabiliza a realização da utopia.

É Melisandra a personagem que consegue chegar a Waslala, onde encontra a mãe, única sobrevivente desse lugar que não é. Muitos buscam esse local, mas quem consegue encontrá-la, localizando a passagem secreta entre o tempo e o espaço, é uma mulher sonhadora. Isso ocorre porque Melisandra dispõe de uma motivação peculiar: as histórias do avô, um dos fundadores de Waslala, e a busca a seus pais, que a abandonaram, a fim de encontrar essa terra. São essas questões não solucionadas na vida da jovem que a impulsionam em sua busca particular. No momento adequado, deixando o avô e a administração da fazenda, ela parte para cumprir sua missão. Além disso, dispõe de intuição, que a conduz ao local exato onde se encontra a passagem secreta. Na realidade, a jovem se preparara, durante toda a vida, para resolver o conflito existencial que, sempre, a envolvera: desvendar o mistério de sua origem.

As mulheres têm uma atuação decisiva em relação ao mito de Waslala. A avó de Melisandra, já falecida durante o tempo da narrativa, tem papel importante na fundação do local; a mãe da jovem abandona a filha com tenra idade para buscar esse ideal; Engrácia, como líder dos comunitaristas, desempenha o papel de guardiã do mito; e, finalmente, Melisandra consegue atingir o objetivo.

Ao retornar, traz a prova concreta da existência de Waslala, a mãe lhe entrega os anais da cidade, escritos pelos anciãos e por seus pais. Mais que o testemunho de Melisandra, a prova efetiva está na palavra dos poetas contida nos anais, comprovando que a

la pasividad de recibirlo todo ya imaginado por otro. La pérdida de la imaginación es una tragedia. Quizás una de las mayores tragedias que veremos en este siglo (BELLI, 1997, p. 32).

imaginação e a palavra poética são os elementos que poderão resgatar os seres humanos, propiciando-lhes a libertação.

A utopia é a esperança de uma vida melhor mantida no delicado equilíbrio entre o que existe e o que não é. Waslala permanece como o sonho de liberdade que pode significar a redenção em qualquer dimensão do espírito humano. Na verdade, Waslala existe no interior de cada um, tanto como recuperação do passado como projeção do futuro, ensejando imensas possibilidades de realização para o ser humano. Essa esperança, evidenciada na atuação de Melisandra, já é antevista na atuação de Lavínia em *A mulher habitada*.

Na obra *A mulher habitada*, encontra-se, de forma abrangente e complexa, a experiência da mulher, relatada por dois narradores que apresentam o ponto de vista feminino (um, na primeira pessoa de Itzá; e o outro, em terceira pessoa), mas com a onisciência seletiva em Lavínia. Além disso, a organização da narrativa, em dois planos temporais, mostra a problemática feminina no passado e no presente, aos quais o sistema mitológico e simbólico está identificado.

Dessa maneira, como o estabelecimento da identidade de gênero é elemento indispensável para a constituição da identidade pessoal, observaram-se esses aspectos, a fim de acompanhar o percurso de Lavínia, como elemento paradigmático para a construção tanto da identidade de gênero como da identidade pessoal.

Nessa perspectiva, insere-se a experiência da mulher que, por meio da escritura, viabiliza a eclosão de um “eu” multifacetado, o qual emerge em produções literárias, em que a discussão da problemática feminina está inserida em questões éticas, históricas e sociais, cuja exemplaridade se evidencia em *A mulher habitada*. Devido a seu conteúdo de caráter simbólico e questionador, essa obra se constitui num espaço de reflexão sobre o discurso hegemônico e as práticas sociais que orientam a cultura ocidental, na medida em que apresenta uma heroína que, sem perder suas características, consegue ultrapassar as contingências de classe e de cultura para se dedicar a uma causa maior.

A trajetória de Itzá e a trajetória de Lavínia estabelecem um diálogo que recupera a história do passado e a confronta com a do presente, possibilitando a formação de uma consciência social e histórica da identidade nacional. A literatura se apresenta, então,

como uma modalidade de rescritura da história, fomentando a tensão entre o discurso oficial e os relatos marginalizados. Privilegiando o discurso daqueles que não fazem a história por não terem voz, a narrativa apresenta a possibilidade de aprimorar a tão necessária reflexão sobre a formação da identidade pessoal, de gênero e de nação. Uma vez que tanto a construção da identidade de Lavínia quanto a da nação são eventos paralelos, na medida em que se desenvolve a consciência do presente e sua integração com o passado, delineia-se seu papel social e sua responsabilidade perante a nação, por meio de uma conscientização dupla e única, que contém, em si mesma, elementos transformadores, capazes de reescrever a realidade latino-americana.

ZINANI, C. J. A. Nicaragua and Gioconda Belli: a possible dialogue. *Revista de Letras*, São Paulo, v.44, n.2, p. 100 - 123, 2004.

- *ABSTRACT: In this study we discuss the formation of personal and gender identity of the subject represented in Gioconda Belli's book *A mulher habitada*, from the lines which orient the constitution of the feminine subject, as this subject promotes the rupture with the traditional model and integrates the aspects of personality. Facts concerning the history from the colonization time, when natives were massacred by the Spanish conquerors, and from contemporary time when Somoza's dictatorial government system oppressed the people from Nicaragua, are also approached. This double vision, spread by the voice of two narrators, allows the sketching of a historic consciousness capable to review the Latin-American reality.*
- *KEYWORDS: feminine subject; gender; identity; Latin-American history.*

Referências:

BELLI, G. *A mulher habitada*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *O país sob minha pele: memórias de amor e de guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *Waslala: memorial del futuro*. Buenos Aires: EMECÉ, 1997.

DOMÍNGUEZ, F. *La reivindicación de la utopia*. Palestra proferida no Congresso do SLAS (Society of Latin America Studies), Cambridge, UK, Abril de 2001.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FERREIRA, J. L. *Incas e astecas: culturas pré-colombianas*. São Paulo: Ática, 1995.

LOPEZ, L. R. *História da América Latina*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

MORE, T. *Utopia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NAVARRO, M. Por uma voz antônoma: o papel da mulher na história da ficção latino-americana contemporânea. In: _____. (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995, p. 11-55.

QUEIROZ, V. *Crítica literária e estratégias de gênero*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1997.

SADER, E. *Cuba, Chile, Nicarágua: socialismo na América Latina*. São Paulo: Atual, 1992.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 23-57.

SOUSTELLE, J. *A civilização asteca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.